

Oi, pessoal.

Aqui quem vos fala é o professor Guilherme Neves!!

Lembrem-se de me acompanhar pelo Instagram [@profguilhermeneves](https://www.instagram.com/profguilhermeneves) para receber dicas diárias e questões comentadas.

Vamos resolver a prova de Raciocínio Analítico do concurso para SEFAZ-SC, que foi realizada no último fim de semana pela FCC.

26. (FCC 2018/SEFAZ-SC)

Quando eu era criança, pensava que a felicidade só chegaria quando eu fosse adulto, ou seja, autônomo, respeitado e reconhecido pelos outros como dono do meu nariz. Contrariando essa minha previsão, alguns adultos me diziam que eu precisava aproveitar bastante minha infância para ser feliz, pois, uma vez chegado à idade adulta, eu constataria que a vida era feita de obrigações, renúncias, decepções e duro labor. Cheguei à conclusão de que, ao longo da vida, nossa ideia da felicidade muda: quando a gente é criança ou adolescente, a felicidade é algo que será possível na idade adulta; quando a gente é adulto, a felicidade é algo que já se foi: a lembrança idealizada (e falsa) da infância e da adolescência como épocas felizes. A felicidade é uma quimera que seria sempre própria de uma outra época da vida — que ainda não chegou ou que já passou.

(Disponível em: ccalligari@uol.com.br)

A partir do texto, afirma-se corretamente:

- (A) O autor deduz erroneamente que apenas os adultos podem alcançar a felicidade, ressentindo-se, assim, de não ter usufruído os fugazes momentos felizes da infância.
- (B) Deduz-se que os adultos que contrariaram a ideia de felicidade manifestada pelo autor quando criança tiveram, eles próprios, uma vida adulta marcada por decepções e renúncias aos projetos forjados na infância.
- (C) É conclusão do autor que a felicidade é uma utopia, uma vez que se tem a ilusão de que ela está sempre fora de alcance, ora no passado, ora no futuro.
- (D) A ideia que o autor mantinha na infância sobre a possibilidade de alcançar a felicidade quando adulto se confirmou futuramente.
- (E) O conselho que o autor recebeu de adultos quando criança possibilitou-lhe aproveitar melhor a infância, época em que imaginava ser de fato feliz.

Resolução

Vamos analisar as alternativas.



(A) O autor deduz erroneamente que apenas os adultos podem alcançar a felicidade, ressentindo-se, assim, de não ter usufruído os fugazes momentos felizes da infância.

A alternativa A está errada, pois o autor chegou à conclusão que quando a gente é adulto, a felicidade é algo que já se foi, ou seja, a felicidade aconteceu na infância.

O autor conclui que a nossa ideia de felicidade muda: “quando a gente é criança ou adolescente, a felicidade é algo que será possível na idade adulta; quando a gente é adulto, a felicidade é algo que já se foi: a lembrança idealizada (e falsa) da infância e da adolescência como épocas felizes”.

Vamos analisar a alternativa B.

(B) Deduz-se que os adultos que contrariaram a ideia de felicidade manifestada pelo autor quando criança tiveram, eles próprios, uma vida adulta marcada por decepções e renúncias aos projetos forjados na infância.

O autor, quando criança, pensava que a felicidade se daria na vida adulta, quando fosse autônomo, respeitado e reconhecido pelos outros como dono de seu nariz.

Os adultos que contrariaram esta ideia de felicidade diziam que ele precisava aproveitar a infância, pois a **vida** era feita de obrigações, renúncias, decepções e duro labor. Isto não quer dizer que eles próprios tiveram uma vida adulta marcada por decepções e renúncias aos projetos forjados na infância.

(C) É conclusão do autor que a felicidade é uma utopia, uma vez que se tem a ilusão de que ela está sempre fora de alcance, ora no passado, ora no futuro.

A alternativa C está perfeita. O autor afirma que a nossa ideia de felicidade sempre muda: quando somos crianças, pensamos que a felicidade está na vida adulta; já na vida adulta, ficamos com a nostalgia de que a real felicidade foi vivida na infância.

(D) A ideia que o autor mantinha na infância sobre a possibilidade de alcançar a felicidade quando adulto se confirmou futuramente.

A alternativa D é falsa, pois o autor não diz que ele mesmo se tornou autônomo, respeitado e reconhecido pelos outros como dono de seu nariz. E mesmo que ele tivesse conquistado tudo isso, ele ainda deveria deixar claro que ele se tornou uma pessoa feliz por essas conquistas. Nada disso foi explicitado no texto.

(E) O conselho que o autor recebeu de adultos quando criança possibilitou-lhe aproveitar melhor a infância, época em que imaginava ser de fato feliz.

O texto não informa se a forma como o autor aproveitou sua infância foi ou não influenciada pelos conselhos dos adultos.

Gabarito: C

(FCC 2018/ICMS-SC)

Para responder às duas próximas questões, considere o texto abaixo.

Na narrativa tradicional, o narrador é em geral onisciente. Para citar um exemplo clássico: no Dom Quixote, de Cervantes, ele possui livre acesso à consciência da personagem principal. O Quixote personagem sabe menos a seu próprio respeito e a respeito daquilo que acontece do que o narrador de Cervantes. Este último tem garantida a distância que o separa do Quixote herói, e por isso é capaz de delimitar conscientemente os disparates do seu personagem. Isso explica o episódio em que o Cavaleiro da Triste Figura toma moinhos de vento por gigantes que, no seu delírio, é preciso combater. Mas hoje os tempos são outros, o universo se tornou complexo, os detalhes se multiplicaram e abriram passagem à alienação, à visão parcelada do mundo, em resumo: à falsa consciência. Um dos resultados desse desdobramento histórico, em termos artísticos, foi o narrador insciente, que não sabe nada, ou quase nada, tanto quanto o seu anti-herói (que é derrotado pelos obstáculos em vez de derrotá-los).

(Adaptado de: Modesto Carone (prefácio). **Essencial Franz Kafka**. Penguin/Companhia das Letras, 2011, edição digital.)

27. Considerando os argumentos apresentados, é correto concluir que a noção de “falsa consciência”

- (A) refuta a perenidade dos obstáculos a serem derrotados pelas personagens.
- (B) decorre da complexidade do mundo atual.
- (C) é causa da visão fragmentada do mundo.
- (D) opõe-se à noção de anti-herói.
- (E) provoca o desaparecimento do narrador onisciente.

Resolução

A noção de “falsa consciência” surgiu com a complexidade dos novos tempos, com o crescimento de detalhes. Como o universo é mais complexo hoje, então o narrador tornou-se insciente, ou seja, sabe de nada (ou de quase nada).

Gabarito: B



28. Considere o que se afirma abaixo a respeito das estratégias argumentativas do texto.

I. A obra *Dom Quixote*, de Cervantes, é citada para embasar o argumento de que na narrativa tradicional existem personagens que apresentam uma falsa consciência de si mesmos, a qual é inacessível para o próprio narrador.

II. Para introduzir o conceito de narrador insciente, *que não sabe nada, ou quase nada*, o autor recorre à comparação entre este e um narrador onisciente, ou seja, aquele que possui *livre acesso à consciência da personagem principal*.

III. A partir da definição de anti-herói apresentada, é possível inferir que um herói derrota os obstáculos com que depara.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) III.

(B) II.

(C) I e III.

(D) I e II.

(E) II e III.

Resolução

O item I está errado, pois a obra *Dom Quixote* foi citada com o intuito de mostrar narradores oniscientes, ou seja, que sabem de tudo, e que **possuem “livre acesso à consciência da personagem principal”**.

O item II está certo. Para introduzir a ideia do narrador insciente, o autor utiliza como exemplo o narrador de *Dom Quixote*, um narrador onisciente que possui livre acesso à consciência da personagem principal.

O item III está certo. Ao final do texto, o autor diz que o **anti-herói é derrotado pelos obstáculos em vez de derrotá-los**. A expressão “em vez de” significa “no lugar de”. Desta forma, o autor indica que o herói derrota os obstáculos com que se depara.

Gabarito: E

29. (FCC 2018/ICMS-SC)

No Brasil, apenas 15% dos assassinatos são esclarecidos pela polícia. Para outros ilícitos, as taxas são ainda mais acanhadas. Isso significa que, se o lucro esperado com a materialização do crime for alto, cometê-lo é uma decisão perfeitamente racional. A chance de ser identificado, afinal, é pequena, e a de ser condenado e cumprir pena, ainda menor. A título de comparação, no Reino Unido e na França, os índices de solução de homicídios são de 90% e 80%, respectivamente.

Com números assim, não surpreende que as taxas de criminalidade sejam altas no Brasil.

(Hélio Schwartzman. *Folha de São Paulo*, 01/05/2018, p. A2.)

No texto, o colunista expõe argumentos que procuram explicar as elevadas estatísticas associadas à ocorrência de crimes no Brasil. Dentre as medidas apresentadas abaixo, todas com o objetivo de reduzir as taxas de criminalidade brasileiras, a única que pode ser justificada por tais argumentos é:

- (A) a utilização de técnicas científicas avançadas e novas tecnologias nas investigações policiais.
- (B) a duplicação das vagas nos presídios brasileiros, que enfrentam crises de superlotação.
- (C) a melhoria do sistema de educação público, de modo a equipará-lo com o privado.
- (D) a redução da maioridade penal, que atualmente é de 18 anos, para os 16 anos.
- (E) o investimento em programas sociais que tenham como meta a erradicação da pobreza.

Resolução

O autor induz o pensamento de que o índice de criminalidade no Brasil é alto porque a maior parte dos crimes não são resolvidos e quando são resolvidos, há pouca chance de ser condenado e cumprir pena.

Este raciocínio é fortalecido ao indicar que países de primeiro mundo como Reino Unido e França possuem altos índices de solução de homicídios.

Assim, seguindo o argumento do autor, para reduzir as taxas de criminalidade no Brasil, precisamos melhorar os índices de solução dos crimes.

A única alternativa que fornece medidas que ajudarão na solução de crimes é a alternativa A.

Gabarito: A

30. (FCC 2018/SEFAZ-SC)

Em geral, os funcionários de empresas de tecnologia não permanecem muito tempo na mesma companhia, mudando várias vezes de emprego ao longo de suas carreiras. No entanto, a empresa de tecnologia X é conhecida por conseguir reter seus funcionários por períodos de tempo muito maiores do que a média do mercado. Segundo seu diretor de recursos humanos, esse resultado é consequência do ambiente de trabalho na empresa X, que é bem mais informal e menos hierarquizado quando comparado ao de outras companhias do setor.

Qual das proposições listadas abaixo, se verdadeira, sustenta mais fortemente a explicação do diretor de recursos humanos para o sucesso da empresa X na retenção de seus funcionários?

- (A) Em ambientes mais informais, as pessoas tendem a evitar a manifestação de insatisfações sobre as condições de trabalho, para não atrapalhar a harmonia do grupo.
- (B) Os consumidores de produtos da área de tecnologia valorizam a informalidade, que normalmente é associada à ideia de inovação.



(C) A maioria dos funcionários mais antigos da empresa X teve uma única experiência profissional na área de tecnologia antes de ser contratado por essa companhia.

(D) Os profissionais da área de tecnologia costumam optar pela mudança de emprego quando são alocados em projetos pouco desafiadores.

(E) A rigidez e o formalismo nas relações profissionais inibem alguns processos criativos que os funcionários da área de tecnologia consideram essenciais para o seu trabalho.

Resolução

Devemos procurar uma premissa que sustente o raciocínio de que a informalidade melhora o ambiente de trabalho. Segundo o diretor de recursos humanos da empresa X, o sucesso na retenção dos funcionários é consequência do ambiente de trabalho na empresa X, que é bem mais informal e menos hierarquizado quando comparado ao de outras companhias do setor.

Se a afirmação da alternativa A fosse verdadeira, o argumento do diretor de RH seria enfraquecido, pois seus funcionários, para não atrapalhar a harmonia do grupo, não poderiam expor suas insatisfações. Se a alternativa (A) fosse verdadeira, haveria incoerência com o fato de o ambiente de trabalho ser mais informal e menos hierarquizado, pois haveria estímulo à manifestação dos funcionários, e não o contrário.

Vamos à alternativa B. O fato de os consumidores valorizarem a informalidade não fortalece o argumento do diretor de RH. A satisfação dos consumidores não explica a melhora no ambiente de trabalho e consequente retenção de funcionários por muito tempo na empresa. A alternativa (B) faz uma afirmação sobre preferências do consumidor, quando a questão analisada é sobre o ambiente interno de trabalho.

A alternativa (C) traz uma informação que não pode ser deduzida das informações do texto e, mesmo que fosse verdadeira, a partir dela não se poderia construir uma explicação como a utilizada pelo diretor de recursos humanos.

Não se afirma no texto ser a falta de desafio a razão para a mudança de emprego dos profissionais de tecnologia. O motivo apresentado se relaciona com as condições de trabalho (formalidade ou informalidade/grau de hierarquização). Por isso a resposta não é a letra (D).

Por fim, a letra (E) apresenta os motivos expostos pelo diretor para conseguir reter os profissionais. As palavras-chave são rigidez e formalismo, características indesejadas pelos profissionais, que não se fixam em empresas com essas características.

Gabarito: E
